

Uma página da Historia Patria

JOSÉ DE ALENCAR

Elle era altivo, mas altivo de sua propria dignidade. Litterato de fina cultura e variada erudição. Jurisconsulto, esclarecido como os que mais são. Solitario, como são todos os homens que pensam e criam, o que não se faz senão na fecundidade profunda do silencio. Eu me pergunto: como não houve ainda um Brasileiro, um Cearense que se apaixonasse por este bello character, por esta bella intelligencia, e escrevesse uma biographia digna de José de Alencar?! Teremos, por ventura, tantas glorias, tantos talentos, que podemos deixar em esquecimento, descuidoso e ingrato, este vulto da terra Cearense, *«de verdes mares bravios onde canta a jandaia pendurada no leque dos coqueiros?»* E' um mau symptoma esta indifferença da geração que se succedeo á de José de Alencar pela memoria de homens superiores como elle, que illustraram sua Patria pelo talento, e pelo character—a verdadeira grandeza do homem.

José de Alencar foi publicista de merito; seus romances enriqueceram a litteratura patria. O escriptor d'estas linhas teve o prazer, em uma de suas viagens a Paris, de ver em uma livraria do Boulevard o romance «Guarany» traduzido em Francez. Igual prazer experimentou em sua estada nos Estados Unidos da America, nos annos 1892-93, lendo ao chegar em S. Francisco da California, traduzido em Inglez e publicado em um jornal Americano, o romance de Escragnolle Taunay, «Innocência» e «A Retirada da

Laguna». Convenhamos que estes factos honram nossa terra e nossa litteratura.

José de Alencar foi jornalista, mas jornalista que tem a comprehensão exacta do objecto do jornal, que é informar e instruir, e elevar cada vez mais o nivel moral e intellectual da nação; jornalista como Emilio de Girardin, que considerava o jornalismo um sacerdocio; jornalista como o nosso saudoso jornalista Maranhense, João Francisco Lisboa, que dizia, e praticava, o nobre principio: «com a verdade e a justiça não ha composição».

José de Alencar foi redactor-chefe do «Diario do Rio de Janeiro», que havia sido redigido em sua situação liberal por Saldanha Marinho. Naquelle tempo, os jornaes mudavam ás vezes de mãos no interesse dos partidos politicos, liberal e conservador, e não no interesse de financeiros associados (funesta associação) a homens politicos, ou como simples fundo de negocio.

Tudo quanto se dava de grande e bello no mundo encontrava echo eloquente nas columnas do «Diario do Rio de Janeiro» sob a direcção de José de Alencar. Foi assim que ao chegar ao Brazil a noticia das difficuldades materiaes da vida em que se achava Lamartine, universalmente conhecido e amado pelos homens de estudo e de coração de todos os paizes; Lamartine, estadista, litterato, poeta, que tão grande papel répresentou na historia da França; Lamartine cuja alma diamantina fora photographada por um de seus biographos com este traço sublime: «*Lui seul a traversé sans haine ce monde de haines*». Outro biographo disse: «*Il était véritablement grand, parce que il réunissait à la grandeur du talent la grandeur du caractère*». Ao chegar no Rio de Janeiro a noticia das difficuldades da vida em que se achava Lamartine, dissémos, José de Alencar fez eloquente apello ao publico Brasileiro, pedindo que assignasse a publicação periodica «*Entretiens Littéraires*», trabalho com o qual o litteraio, o poeta, no ocaso da vida,

velho e enfraquecido esperava tirar recursos para occorrer ás suas necessidades.

José de Alencar era politico filiado ao partido conservador, e defendia vigorosamente as ideias do seu partido. Este, tendo sido chamado ao poder em 16 de Julho de 1868, sob a presidencia do conselho de ministros do Visconde de Itaboray, José de Alencar foi naturalmente indicado para fazer parte do gabinete, e occupou a pasta da justiça. O Barão de Cote-gipe fez tambem parte do mesmo gabinete, e quiz, ao que constou, occupar a pasta da justiça. José de Alencar, porem, que não acceitara uma pasta de ministro para servir as costumarias pequenas combinações dos nossos partidos, mas sim para servir no melhor de sua habilidade ao seu paiz, insistio por conservar a pasta da justiça. O Barão de Cote-gipe cedeo; todavia não lhe perdoou este acto de integridade politica, e aproveitando occasião em que falava no Senado deo-lhe uma alfinetada, fazendo allusão «aos capitães que commandavam sem jamais ter sargenteado».

Dando-se na Provincia do Ceará uma vaga de Senador, José de Alencar, que era Cearense e membro de importante familia d'aquella Provincia, apresentou-se candidato e foi eleito.

Como se sabe, a escolha dos senadores era feita pelo Imperador n'uma lista dos tres candidatos mais votados. De passagem direi que este systema, garantidor ao mesmo tempo da liberdade do povo e da fundamental base de estabilidade conservadora, indispensavel ás instituições politicas de todos os povos, foi preconisado na imprensa pelo grande estadista Britannico, Mr. Gladstone, como excellente e digno de ser imitado.

O Imperador D. Pedro II escolheu não a José de Alencar, como era de esperar, mas um dos dous outros candidatos, que faziam parte da lista triplice. José de Alencar justamente offendido em seu prestigio politico retirou-se do gabinete, mas não sem

bater a porta com força, escrevendo e publicando o artigo, que fez sensação, intitulado «O Lapis Fatidico».

A imprensa jornalística, como é natural, occupou-se do acto do Imperador, uns impugnando-o, outros defendendo-o. Pretendia-se que o Imperador queria acabar com o abuso dos partidos de aproveitarem sua passagem pelo poder para fazerem eleger em occasional vaga senatorial um de seus membros, forçando assim a mão do Imperador na escolha do seu ministro; escolha que segundo a Constituição devia ser feita LIVREMENTE pelo Imperador (subtilezas da casuística jurídica!). Os que atacaram o acto do Imperador faziam-n'o victoriosamente, allegando que José de Alencar era homem politico de integridade inatacavel, ardor ao trabalho, e lucidez de vistas. Não obstante «o lapis fatidico» prevaleceo! Foi pena; porque d'este modo ficou o Brazil privado de um bom servidor, e a nossa nação perdeu uma das suas grandes forças vivas, que é um filho de talento e de character. Foi uma perda para a nação; não ha duvida. Circumstancia aggravante: quando José de Alencar via-se-lhe fechar a porta do senado, D. Pedro II escolhia para o logar de senador de Minas Geraes o Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão, funcionario publico de habilitações regulares, que fazia tambem parte do gabinete Itaborahy, e como tantissimos politicos sabia se ageitar a todas as circumstancias, sabia «dar uma pancada no cravo e outra na ferradura», na linguagem jovial do Barão de Cotegipe. Ainda: era um funcionario que procurava mais agradar a seus chefes e correligionarios do que servir ao seu paiz; pertencia á numerosa classe de funcionarios «que agradam sem servir em vez de servir sem agradar.»

Não gosto de falar vagamente. Particularisemos. Circumstancia aggravante: quando José de Alencar via-se-lhe fechar a porta do senado, D. Pedro II escolhia para o cargo de senador por Minas Geraes o Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão, funcio-

nario de habilitações regulares, que fazia também parte do gabinete Itaborahy, e como tantísimos políticos sabia se ageitar a todas as circumstancias, sabia «dar uma pancada n' cravo e outra na ferradura», na linguagem jovial do Barão de Cotegipe, funcionario que procurava mais agradar a seus chefes e correligionarios do que servir ao seu paiz e pertencia a numerosa classe dos funcionarios que «agradam sem servir em vez de servir sem agradar».

Não gosto de falar abstractamente: concretisemos: José Carneiro da Rocha, engenheiro, meu companheiro e intimo amigo, um dos mais distinctos alumnos da antiga Escola Central do Rio de Janeiro, hoje Escola Polytechnica, exercia desde a sua formatura, em 1862, o cargo de ajudante de engenheiro fiscal na Estrada de Ferro de Recife a S. Francisco. Em 1868, o ministro d'Agricultura, Commercio e Obras Publicas, Conselheiro Joaquim Antônio Fernandes Leão demittio-o do cargo de engenheiro, que elle exercia haviam mais de quatro annos, como se demitte um empregado incapaz ou deshonesto. E Carneiro da Rocha tinha a fé de officio a mais limpa possivel, só havia merecido do seu chefe, Engenheiro Manoel Buarque de Macedo elogios os mais completos. E Buarque de Macedo era notoriamente um character probo e justo. De Carneiro da Rocha pode-se dizer o que disse um professor da illustre universidade de Oxford, falando de um dos seus brilhantes discipulos, que se alistara como voluntario nos primeiros dias da guerra Allemã, e fora servir em Salonica, onde foi abatido por uma bala na fronte: *Il était beau d'âme et de corps* (1)

(1) Este bravo moço, como tantos outros alumnos das universidades de Oxford e Cambridge, era filho de familia aristocratica, rico, e possuía todos os predicados para occupar as mais elevadas posições no seu paiz!

Quando se deo a demissão de Carneiro da Rocha, eu me achava no Rio de Janeiro. Surprehendido com a demissão injusta do meu collega e intimo amigo, fui immediatamente á Secretaria d'Estado d'Agricultura, Commercio e Obras Publicas indagar a causa da demissão; o director da Secção da Secretaria pela qual corriam os negocios de engenharia, Conselheiro Manoel da Cunha Galvão, disse-me que nada sabia, que o aviso da demissão tinha sido passado no gabinete do ministro sem que elle fosse ouvido e ajuntou que se, como era regular, o ministro Antão tivesse consultado a Secção, esta não podia dar senão as melhores informações sobre o engenheiro Carneiro da Rocha. Vim depois a saber que a demissão fora promovida por um deputado de Pernambuco, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, cor-religionario do ministro Antão, e politico sem escrúpulos, que exigio a demissão do digno engenheiro Carneiro da Rocha, por haver este commettido a grave falta de ter dado seu voto de eleitor ao illustre engenheiro Manoel Buarque de Macedo, liberal, mas politico de quilate muito differente do de Monsenhor Pinto de Campos, especie de *bachibazuk* ou moderno *bolchevikis* do partido conservador.

A educação politica do povo Brasileiro n'aquella epoca admittia sem difficuldade actos como este. Em materia de eleição tudo era permittido aos agentes temporarios do poder, para obter «*a victoria das urnas*». A Antonio de Souza Carvalho, deputado importante do partido liberal, que havia exercido o cargo de presidente de Provincia, eu ouvi sustentar que «o maior crime que podia commetter um presidente de Provincia era perder uma eleição!» Esta era a doutrina corrente.

E Souza Carvalho, era alem do mais um juris-consulto, um defensor da Lei, como elles se chamam. Esses expedientes desmoralizadores da nossa politica indigena eram igualmente praticados por liberaes e conservadores e com a mesma desinvoltura;

n'isto, os nossos chamados partidos politicos pareciam-se como duas gottas d'agua. Notemos que isto se dava no anno 1868, isto é, ha meio seculo. Ter-se-ha modificado este estado de cousas? Bem simplorio será aquelle que o acreditar. Os vicios de um povo não são modificados pelas revoluções, ao contrario, muitas vezes tornam-se peiores. No senado da Republica, o senador Ruy Barboza invectivou com inteira justiça seu *collega* almirante Barão de Teffé von Hoonholtz, almirante politico que havia sido eleito senador sobre a irresistivel plataforma de ser sogro do seu genro, Marechal Hermes da Fonseca, tambem marechal politico!

E' sabido que este marechal concebeo o plano patriotico de estabelecer no livre Brazil o militarismo ou caudilhismo dos marechaes Sul-Americanos: os Solano Lopes, presidentes do Paraguay, pai e filho, Cypriano de Castro, presidente da Republica de Venezuela, velhaco e cruel, que aptoveitara a sua passagem pela presidencia da republica para roubar dezenas de mil contos de reis: que encheo os papeis publicos da Europa e dos Estados Unidos de seus altos feitos: e que foi trancafiado na hospedaria de immigrants, em Ellis Island, New-York, como «immigrante indesejavel». Isto mostra o desprezo com que a grande Republica dos Estados Unidos da America trata os marechaes caudilhos Sul Americanos, marechaes de comedia. O infeliz marechal Cypriano de Castro acabou a vida assassinado pelo seu successor na presidencia da republica de Venezuela, general Gomes. E' o fim de quasi todos estes bandidos agaloados!

Quando da sua demissão, Carneiro da Rocha mandou-me uma carta em que expunha a injustiça de que tinha sido victima, e declarava que deixava o serviço publico, porque não podia entregar o futuro de sua familia a taes ministros. E accrescentou que eu podia fazer publicar sua carta, ou não, como eu achasse conveniente.

Sem hesitar, mandei pessoalmente, sob minha assignatura, publicar no «Jornal do Commercio» a carta de Carneiro da Rocha. No Senado, o illustre senador Maranhense Francisco José Furtado censurou o governo por este acto, que elle qualificara de *guet à pens.* porque Carneiro da Rocha ao ser empregado na Estrada de Ferro de Pernambuco teve de optar, em virtude de ordem do governo, entre o posto de 1.º tenente do corpo de engenheiros que occupava no exercito, e o cargo de ajudante de engenheiro fiscal, perdendo assim a sua carreira no exercito. O meu saudoso amigo, digo-o ainda hoje, e já lá vão 50 annos, foi dirigir uma grande fazenda de canna de assucar na Bahia, aonde contrahio uma febre da qual morreo, deixando viuva e dous filhos menores.

Releve-se-me prolongar este parenthesis. O Imperador D. Pedro II, que conhecia Carneiro da Rocha pessoalmente, e seu merecimento, disse a seu digno irmão Almirante Carneiro da Rocha, que havia lido a carta publicada no «Jornal do Commercio», e que seu irmão não devia ter falado do governo como falou. Singular comprehensão dos deveres de um ministro e de um funcionario em um paiz livre! Não é este o unico facto de falsa visão do fallecido Imperador, em materia de governo.

Posso citar outro facto de haver D. Pedro II censurado particularmente um digno magistrado, que exercia o cargo de Juiz de Direito em Piauhý que se achara em luta com um importante chefe partidario d'aquella comarca, e fora desapprovado pelo presidente da Provincia do Rio de Janeiro. O Imperador disse-lhe estas singulares palavras, dando tal ou qual approvação ao procedimento do Presidente da Provincia:

«Eu sou obrigado muitas vezes a sacrificar o mais fraco ao mais forte.» Singular comprehensão, repito, do papel de um imperador constitucional! Para concluir direi que a doutrina de pactuar com o mal, servir Deos e o Diabo ao mesmo tempo é condemnada pelos principios eternos da Verdade e do Bem, com

os quaes não se deve transigir. *«Fais ce que dois advienne que pourra.»*

O fallecido Imperador D. Pedro II possuia certamente qualidades esterlinas, porem, como já tive oportunidade de dizer pela imprensa era como todos nós, Brasileiros, um producto de seu tempo e de sua raça: o tempo da escravidão nefanda, e a raça Portuguesa, de Portugal decahindo ou decahido.

O grande ministro do grande rei de França, Henrique IV, (nunca houve grande rei sem grande ministro), nas suas admiraveis «Memorias» escreveu sobre as causas do «Enfraquecimento das Monarchias» o que se segue: *Rien ne revolte les grands du royaume q'un gouvernement faible et derangé, les injustices*, etc. Faço minhas estas justas e dignas palavras de Eunapio Deiró: sobre o fallecido Imperador D. Pedro II «Não; não são o seu genio e a sua sciencia que nobilitaram sua Patria, e immortalisaram sua memoria, são os admiraveis exemplos de grandesa moral, de abnegação, de patriotismo». E' esta opinião que o mundo civilisado guarda do infeliz imperador D. Pedro II

D. Pedro II não era um chefe: não sabia comandar na lei e na vontade da nação como fazem os chefes.

Não concordo, porem, com o pensador Brasileiro, Eunapio Deiró, no que disse sobre as causas da queda da monarchia: «Falta de fé no principio monarchico pelos homens importantes, no senado, na camara, e no conselho d'Estado». O proprio imperador D. Pedro II teria fé no principio monarchico, elle que dizia, como era corrente, que quando o povo Brasileiro quizesse mudar a forma de governo elle não seria obstaculo, elle se iria embora?!

Tenho o testemunho irrecusavel de D. Ambrosio Montt, plenipotenciario Chileno, que em conversa com o Imperador D. Pedro lhe perguntara se Sua

Magestade não julgava que o Brazil viesse a se tornar republicano. O Imperador lhe respondera que durante sua vida, julgava que não. Depois de minha morte, accrescentou o Imperador: «não sei». Que a forma de governo republicano seria adoptada por todo o continente Americano não ha duvida alguma. Desde que os «Pilgrims Fathers» abandonaram seu paiz perseguidos por motivo de religião em 1620, desembarcaram em New-York em 1776, e fundaram a Republica dos Estados Unidos da America, a Republica estava de facto estabelecida em todo o continente Americano.

E o Brazil não podia fazer excepção. O Imperador D. Pedro II era bastante instruido e bastante humano para se oppôr ao movimento republicano pela violencia. Nos Estados Unidos da America considera-se D. Pedro II o primeiro promotor do estabelecimento da Republica no Brazil, pelo seu amor á justiça, ao direito e á liberdade. Em uma publicação official «Bureau of American Republics» li esta affirmacão.

Mas voltemos ao nosso assumpto. José de Alencar era poeta. De um dos meus livros de notas do meu tempo de estudante extraio estas lindas poesias de José de Alencar:

A...

Ainda és bella! De teu labio altivo
Desfolha amor um lubrico sorriso,
Os grandes olhos negros que fascinam
Promettem n'um volver o paraíso!

Mas que importa! Para mim és fria estatua,
Legenda triste de infeliz passado,
Ou a sombra erradia de minha alma
Extincta por um dia haver-te amado.

Pode a teus pés curvar-se o mundo inteiro,
Podem os homens render-te vassalagem,
Que eu contemplo de longe e sobranceiro
De uma mulher que amei a fria imagem.

Talvez um dia, quando já não restem
Nem vestígios d'este santo amor,
Eu venha como os outros já sem crença
Revelar-te os mysterios de uma dôr!

À LAGRANGE (1)

(Norma)

Toda harmonia sublime
Tem uma corda, uma lyra,
Uma palavra que a exprime,
Corda suave que vibra.

Canta o poeta na lyra,
Gemendo soluça o vento
Dos mares na solidão,
Mas a ti por instrumento
Deo-te Deus o coração.

N'esta lyra do sentimento
Todas as vozes são hymnos,
Transforma-se o pensamento
Em mil poemas divinos.

E quando a alma celeste
Formas do genio reveste,
Ha no canto um drama vivo
E com teu gesto incisivo
Escreves uma epopea!

(1) Celebre cantora Italiana, que fez uma estação de opera no Rio de Janeiro.

E' mais que provavel que José de Alencar em sua mocidade—na idade em que os moços de talento fazem versos, tivesse escripto outras poesias. Teriam sido publicadas? . . .

Eu tive a fortuna de falar a José de Alencar n'uma occasião em que fui levar-lhe os cumprimentos de meu pai por sua eleição de deputado pelo Ceará, nossa Provincia natal. Fui recebido por sua mãe, D. Anna de Alencar, em sua casa, um sobrado no largo do Rocio, depois, praça da Constituição, contiguo ao edificio do ministerio do imperio. Ao dizer-lhe eu que era Cearense, ella exclamou admirada: Como! o senhor é Cearense e nunca veio á nossa casa. Com effeito quasi todos os estudantes Cearenses que se achavam no Rio de Janeiro, Adolpho Bezerra de Menezes, Joaquim Bento de Souza Andrada, Rufino de Alencar e outros frequentavam a casa do senador Alencar. Eu não o fazia porque era tambem um solitario.

José de Alencar despozou no Rio de Janeiro uma formosa moça, filha do Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane. Eu tive o prazer de ver o feliz casal em um baile da Sociedade do Casino Fluminense. Elle alegre conduzindo pelo braço sua jovem esposa; ambos felizes e risonhos como dous moços que começavam a vida conjugal, com perspectivas rosadas de brilhante futuro.

Não durou muito tempo esta doce quadra da vida. José de Alencar falleceu pouco tempo depois, na sua residencia no alto da Tijuca, n'aquelle ameno sitio encantador, frequentado n'aquelle tempo principalmente pelos estrangeiros. Morreo pobre, como tinha vivido. José de Alencar tinha alma muito nobre para se aproveitar de posição politica, ou outras oportunidades para fazer fortuna.

Retirado da vida publica, José de Alencar nunca manifestou o menor resentimento, não fez recriminações. Guardou silencio digno: *«Seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse»*, disse o poeta das *«Destinées»*

Em seus passeios solitarios José de Alencar, estudioso e pensativo como era, reflectia sobre a cidade do Rio de Janeiro, que se estende na planicie até as praias da formosa Guanabara, e sobre o mundo politico, social e financeiro, que ali se agita febrilmente á procura de satisfazer seus calculos e suas ambições, nem sempre nobres, como soe acontecer a uma sociedade apenas educada, aonde, deixem-me dizer—porque é a verdade—uma classe ainda pouco instruida ou mal instruida dirige a administração do paiz e a politica, compõe o parlamento e o functionalismo. O resto da população é formada por estrangeiros, preocupados principalmente em ganhar dinheiro.

Em sua estada no Brazil, em 1864, Agassiz disse: «Se algum dia os dotes moraes e intellectuaes do povo Brasileiro se puzerem de harmonia com a maravilhosa belleza natural e riqueza, que o paiz tem da natureza, o mundo não terá visto terra mais bella».

Com a minha rude franqueza perguntarei: o que temos nós feito para promover o estabelecimento da harmonia desejada por Agassiz?

Beaumont-sur—Blonay, Julho 15, 1918.

Z. BARROSO.

